Saudação ao companheiro José Augusto Bezerra, como novo membro efetivo do Instituto do Ceará

Caio Lóssio Botelho(*)

Cumprindo a agradável solicitação do nosso Presidente, Dr. Manuel Eduardo Pinheiro Campos, e do companheiro José Augusto Bezerra, aqui estamos para saudá-lo como o mais novo sócio efetivo deste sodalício

O dinâmico recipiendário é filho de Américo Bezerra Cunha e Maria Joviana Bezerra (ambos vivos, com 87 anos), casado com a Sra. Maria Bernadete de Oliveira Bezerra, pai de quatro filhos e avô de três netos.

O companheiro Bezerra é bacharel em Administração de Empresas pela Universidade Federal do Ceará – turma de 1975.

Conforme seu *Curriculum Vitae* o mesmo foi:

- Ex-professor colaborador da Universidade Estadual do Ceará (1977);
- Palestrante da ADESG, do Elos Clube, do Rotary International e em outras Instituições;
- Na sua trajetória, atingiu seu clímax, quando chegou a ser Governador do D.4490 no período de 1993 – 1994 de Rotary International;
- Ex-diretor da Revista *Brasil-Rotário;*
- Gerente Regional da multinacional Philips de 1993 a 1998;
- É possuidor de uma grande biblioteca com volumes raros, com mais de 1.500 títulos de dicionários;
- Ex-presidente do Colégio de Grão-Mestre da Conferência Maçônica do Brasil;
- Presidente da Academia Maçônica de Letras do Estado do Ceará;

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

- Medalha Manuel Lima Soares outorgada pelo Rotary Fortaleza-Sul;
- Sócio benemérito do Instituto do Ceará; e mais de dezenas de atividades culturais.

José Augusto Bezerra é autor do livro *O Espírito do Sucesso* – Romance épico, baseado na vida de Alexandre "O Grande", quem o lê *se identifica com o ideal de sucesso que traz dentro de si.*

Este livro se caracteriza pela honestidade de propósitos e como diz o próprio autor: *Imaginei para os que têm sonhos e desejam realizá-los e também para os que não têm sonhos e precisam encontrá-los.*

Consideramos este trabalho de profunda reflexão; sendo um romance épico, em que o autor ressalta uma atmosfera própria da epopéia do grande Alexandre, e como sabemos, toda epopéia é característica do nascimento dos povos, sendo, assim, com Alexandre "O Grande" – nasceu o povo macedônio.

José Augusto Bezerra retrata com maestria a vida e a obra de Alexandre "O Grande", onde cada vitória através dos tempos torna imorredouro este romance épico.

É como diz o nosso Presidente Dr. Manuel Eduardo Pinheiro Campos: *Gostei do livro pelo que tem de mais sugestivo: a valorização do espírito empreendedor. No contexto, privilegia momentos que nos induzem à reflexão, diante de quinze princípios filosóficos, que torna maravilhosa a possibilidade de cada um de nós poder realizar 'sonhos e não apenas possuí-los'. O espaço é curto para mais dizer louvando a José Augusto Bezerra, que se inaugura em convincente realidade literária.*

O livro da vida do Alexandre "O Grande", é um relicário de saber, escrito numa linguagem sutil e envolta de emulação de sucessos do grande estadista. A honestidade de propósito do companheiro Bezerra é que ele não denegriu o caráter e a personalidade daquele estadista que construiu o maior império político em nosso planeta.

O autor não resvala para o deboche, a infâmia, como acontece com a última versão do filme Alexandre "O Grande" – que certamente, querendo se projetar no cenário das comunicações, o "produtor" foi de uma indignidade a ponto de macular a honra do saudoso estadista.

O grande pensador do século XX, Mahatma Gandhi, em sua profunda sabedoria, dentro da visão hinduísta, costumava afirmar que no mundo atual existem sete grandes pecados:

1. riqueza sem trabalho;
2. prazeres sem escrúpulos;
3. sabedoria sem qualidade; (o que fez o produtor)
4. comércio sem moral;
5. ciência sem humanidade;
6. religião sem sacrifícios; e
7. política sem idealismo.

Estas reflexões vêm a propósito para destacar a valorização da ética e da moral no contexto do mundo contemporâneo.

Um traço marcante de José Augusto Bezerra, é que o mesmo, além de ser empresário realizado, teve a felicidade de encaminhar o seu sucesso empresarial voltado para a pesquisa e a cultura. Fato este incomum na vida da sociedade contemporânea. Ele utilizou o ter para beneficiar o ser.

O novo confrade realmente fez da pesquisa histórica um trabalho literário.

Senhoras e Senhores:

Podemos, efetivamente, ressaltar que a História dá uma primazia ao homem coletivo, como sujeito desta Ciência na sociedade, e não nos grandes personagens como fazia o Positivismo no passado, valorizando o individual sobre o coletivo.

A História não é só uma ciência do passado, mas é um resultado de um ir-e-vir-constante entre o presente e passado, bem como o passado e o presente, é pois um transitar em duas épocas, com base nas fontes e fatos históricos.

Os fatos históricos resultam do trabalho, e não são, como queriam os positivistas, fenômenos objetivos.

Não há fatos sem interpretações e nem interpretações sem fatos.

A História é essencialmente explicativa e não só descritiva, porém não se deve abandonar a narrativa (com sua veia poética).

Ela deve cumprir sua função social. Para ser explicativa ela recorre ao método comparativo. Deve ressaltar o que há de comum ou não, num fenômeno histórico em uma ou duas épocas de uma sociedade.

Esta Ciência deve efetuar à comparação dos elementos geográficos (corológicos), cronológicos e civilizacionais numa visão rítmica.

É a História a interpretação da mentalidade de uma época. Nos fatos históricos são básicos os elementos da psicologia coletiva que se acham articulados com a vida social e material.

A História deve ser ampliada e aprofundada, com novas fontes de investigações, reflexões, com os mitos e ritos, e sobretudo identificar a sensibilidade coletiva, a memória social, o conceito de tempo, e a ocupação do solo.

A História abrindo diálogo com a Sociologia, Antropologia, Economia, Geografia, Lingüística, Psicologia e as Ciências Naturais, traz a visão inter e multidisciplinar do homem na sociedade e na natureza.

O prof. Oracy Nogueira admite mesmo *que o ser humano é objeto real de todas as ciências empíricas básicas, desde a Física até a Sociologia.*

Atualmente, a História não admite a visão meramente compartimentada do homem e sua sociedade, mas sim uma óptica integrativa e interativa, tanto no campo interdisciplinar quanto multidisciplinar. O olhar compartimentado da ação do homem, leva irremediavelmente ao erro, o reducionismo.

Para alguns historiadores (Ernest Bernhein), a História tem sido objeto de três distintas considerações formais, a saber:

1. Narrativa ou episódica – limita-se ao simples registro do episódio e, sem se preocupar com o processo do método de trabalho, de análise e crítica;

2. Pragmática ou didática ao descrever um acontecimento, o faz sob a égide de um método voltado para a finalidade e utilidade, cingindo-se à causa e efeito;

3. Genética ou científica – o acontecimento só será objeto da História, se puder identificar suas origens ou gênese, com espírito *crítico* independente na interpretação das fontes.

Sob o ponto de vista filosófico, vale destacar pelo menos três concepções formuladas:

1 - Idealista da História-defendida por Hegel, onde afirma que os fatos históricos são produtos do instinto e da evolução inata no homem, cujo instinto é disciplinado pelo uso da razão. Destacando-se o papel da idéia como elemento gerador da realidade, é pois a idéia a força espiritual que comanda os acontecimentos da evolução histórica.

2 - Materialista da História – aquela que adota o método dialético encabeçado por Marx e Engels. Esta Escola afirma que os acontecimentos históricos e mesmo os de ordem espiritual, são determinados pela vida material das sociedades.

3 - Psicológica Social – onde os acontecimentos históricos são resultantes das manifestações espirituais produzidas pela vida em comunidade, como admitem Wilhelm Wundt em seu magistral trabalho *Elementos de Psicologia dos Povos*, e Gustav Le Bon, no trabalho *Psicologia das Multidões*. Ambos aceitam que os fatos históricos são sempre um reflexo do estado d'alma reinante em determinados agrupamentos sociais.

Taunay e Dicamôr conceituam: *A História é a restituição científica do passado cultural.*

Já Bessalaar assim a afirma: *A História é a Ciência dos atos humanos do passado e dos vários fatores que neles influíram, visto na sua sucessão temporal.*

A essencialidade humana ao longo da História, para nós, se caracterizou de forma marcante e variada, a saber:

- Idade Antiga – se verificou a supervalorização do Homem Cosmo numa postura mística.
- Idade Média – a supervalorização da religião.
- Idade Moderna – a supervalorização da razão.
- Idade Contemporânea – se constata a supervalorização do capital.
- Na Atualidade – verificam-se as supervalorizações concomitantes do capital e da técnica, que estão lamentavelmente esmagando o homem, daí a necessidade de integrar o ser humano no contexto de sua realidade cósmica, ôntica, cultural e social, lamentamos que se priorize hoje o *ter* em detrimento do *ser*.

Salientamos que a História no decorrer dos tempos incorporou diversos enfoques, a saber:

- Geocêntrica e Cosmogênica – na fase pré-socrática;
- Teocêntrica – com o transcendentalismo helênico e cristão;
- Antropocêntrica – como a do iluminismo e do racionalismo;
- Conceitualista – com Hegel e Kant;
- Existencialista ou Fenomenológica – com Jean Paul Sartre, Albert Camus e Gabriel Marcel.

Por outro lado, destacamos que a História admite que é no mundo das essências que se pode encontrar a luz que nos permite compreender todas as cousas e o modelo de comportamento para os atos humanos, e acrescentamos ainda, que a riqueza, a técnica, a cultura, e o direito são valores, mas somente quando estiverem a serviço do próprio homem.

A Moderna História

O estudo da História é realmente uma pesquisa do homem na sua transcendência, na sua essência, na sua existência. Analisa o homem desde sua primeira organização social, passando pelos fundamentos da organização moral e destacando que, por detrás do ser que existe, do ser existencial, está a sua essência.

A História se caracteriza por uma profunda pesquisa, onde se retrata com proficiência não só a visão das principais correntes doutrinárias do estudo do homem, mas também os seus principais sistemas de organização como:

- Espiritual – Moral - Jurídica - Política.

A Visão Marxista da História

Diz o padre Antônio Vieira: *o humanismo atingiu o mais refinado grau de abstencionismo religioso com Marx, cuja filosofia assumiu a posição dialética de uma contestação formal contra a religião.*

O marxismo tornou-se uma "religião" ateísta de que o materialismo dialético, como tão bem demonstra Jacques Maritain, é o dogma, e o regime comunista é a ética.

Em seu espírito, em seus princípios, em sua organicidade técnica, o marxismo é um sistema ordenado de doutrina que pretende explicar a vida e realizar na Terra a felicidade do homem, como a religião prometia realizá-la no céu.

Senhoras e Senhores:

Karl Marx enfoca o homem não apenas como um ser biológico, mas também e sobretudo como um ser histórico e econômico. Para ele, o primeiro gesto que distinguiu o ser humano dos animais, no processo de humanização, não foi o de pensar, mas o de fabricar instrumentos de trabalho, ferramentas que aumentassem a sua capacidade produtiva e diminuíssem os seus esforços físicos. O *Homo faber* precedeu o *Homo sapiens*. O trabalho é que libertou o homem dos seus condicionamentos biológicos.

Para Marx, não é a consciência que determina a vida, mas é a vida que determina a consciência. Não é o homem que faz a História, e sim a História que o faz. Razão e consciência são superestruturas. Na realidade, o que prevalece como fundamental e básico são os condicionamentos econômicos e sociais.

O ideal ou espiritual está determinado pelo material e pelo econômico. A causalidade que o Cristianismo põe em Deus, Marx situa na produção. O homem constrói a felicidade com o seu trabalho.

Existe assim um messianismo no marxismo. O pecado original é interpretado como a exploração do homem pelo homem, feita no capitalismo. O proletariado é que fará a libertação do homem. A coletividade proletária vai substituir a idéia de Deus.

O fato mais significativo do humanismo marxista é dar ao homem consciência da sua própria divindade, é criar, como disse Jacques Maritain, [...]*um ser humano que seja ele o próprio Deus.*

Diante de tais considerações ora esboçadas, concordamos com Ortega Y Gasset quando diz: *Não vivemos só para pensar, mas pensamos para sobreviver,* portanto o ato de pensar é primeiro gesto que distingue o homem dos animais, o ato de fabricar instrumentos e ferramentas é a sua materialização, é a instrumentalização

do pensamento. A vida é um fazer constante, é um autofabricar-se como quer Gasset, cuja auto-realização é fruto do saber, do pensar, do criar, para depois se projetar no tempo e no espaço. Não achamos que o trabalho em si só liberta o homem, visto que concordamos também com o pensamento de Gasset: *Eu sou eu e as minhas circunstâncias.*

Não concordamos com a idéia de que [...]*não é o homem quem faz a História, e sim a História que o faz;* e indagamos: quem é que faz a História Social? É o homem.

Não negamos que, em determinados momentos da vida, se verifica a prevalência da História. Não aceitamos a noção de que, na realidade, prevaleçam, como fundamentais e básicos, só os condicionamentos econômicos; nem comungamos com a idéia, de que o ideal ou espiritual sejam determinados pelo material, pelo econômico.

A causalidade que Marx aloca na produção é uma postura inaceitável, juntamente com o pressuposto de que a coletividade proletária vai substituir a idéia de Deus.

Daí porque podemos afirmar que nenhum homem pode pretender ser infalível ou puramente científico, se navega ao redor de nebulosos promontórios do comportamento humano. Nos momentos culminantes da vida, o espírito precisa alçar-se sozinho, para além da sua base, daí a importância da intuição na dimensão espiritual do homem.

Segundo os críticos do marxismo, o desenvolvimento do capitalismo teria alterado a axiologia marxista, [...]*de que a infra-estrutura econômica, isto é, o modo de produção da vida material, condiciona a sua superestrutura jurídica política, cultural, religiosa etc',* de forma que, nas sociedades capitalistas, o desenvolvimento do estado e a complexidade de suas funções têm permitido o poder de determinar o desenvolvimento econômico sobre os domínios da vasta vida social.

Por outro lado, afirma-se mesmo que o papel da política institucionalizada pelo estado, de *per si,* dentro de uma feição liberal, através da aliança entre as diversas classes sociais, e o fortalecimento das classes médias urbanas, em benefício da socie-

dade civil, teria o poder de impulsionar, entre as bases econômicas e a superestrutura, um elevado número de mediações.

Se não aceitamos o determinismo geográfico, o determinismo biológico ou racial, e mesmo o determinismo tecnológico, por que acatar o determinismo econômico e o determinismo histórico?

O pensador Pulsen preconiza a teoria segundo a qual a causa e o efeito podem permutar-se. No jogo das forças sociais, não existem a exclusividade, ou determinismo, etc. O que pode existir é a prevalência, em determinados instantes, de certos fatores do desenvolvimento; o que pode haver é uma conjuntura histórica favorável ou não.

No entanto, há de se posicionar, na mesma hierarquia das forças econômicas, as políticas, as técnicas e a perspectiva moral, tão significativa no mecanismo da atualidade.

Não comungamos com o argumento de que o espaço social seja regido por leis econômicas (inexoráveis), como queria Marx, à semelhança do que acontece com o espaço físico. Diante desta óptica, é que estranhamos a ditadura do proletariado. Se aceitamos a lei física do processo econômico, por que a necessidade da ditadura no espaço social, se o mesmo na interpretação marxista está sujeito a leis (rigorosas), para atingir o desenvolvimento social? Parece impossível explicar convenientemente movimentos como: Renascença, Cristianismo, cingindo-se, exclusivamente, às causas de ordem econômica.

Indagamos, ainda, se os Princípios da Dialética Materialista não estão inseridos em outros sistemas, como:

- Princípio da Totalidade – onde tudo se relaciona; não tem origem na visão de Sócrates, de Platão e Aristóteles?
- Princípio do Movimento – onde tudo se transforma; não foi haurido na célebre Teoria de Lavoisier ?
- Princípio da Mudança Qualitativa – onde o acúmulo de quantitativos, em um dado momento, gera o qualitativo; não está contido na perspectiva darwiniana da sobrevivência dos mais aptos?
- Princípio da Contradição – a unidade pela luta do contrário também chamado Princípio da Superação não é uma perspectiva de Heráclito?

Senhoras e Senhores:

Não negamos, efetivamente, que a crítica mais perfeita do capitalismo tenha sido elaborada por Karl Marx, após uma diagnose dos males gerados por esse sistema. Incorre, no entanto,o mesmo numa terapêutica errônea.

O liberalismo político funda-se no modelo orgânico, em que a diversidade dos elementos que compõem o sistema organicista, embora com funções diferentes, constitui uma unidade orgânica. Este liberalismo político levou à formação da democracia burguesa, a qual se inspirou no Positivismo, através de uma nova ordem orgânica social e de um sistema organicista. Aqui as idéias políticas e os interesses das classes sociais podem diferenciar-se sem no entanto alterar o sistema.

O liberalismo econômico, inspirado no *laissez-faire* e concorrencial, foram mais tarde reforçados pelas idéias darwinistas. Nelé predominam a Teoria do Conflito e a concorrência entre os elementos do sistema, contrapondo-se com o modelo de equilíbrio do liberalismo político.

Este liberalismo econômico encontra ainda a sua justificativa na competição, na qual os mais fracos perdem sempre para os mais fortes. Dentro ainda da concepção de Bray (1985), conclui-se que só através da livre concorrência e da competição é que teremos o progresso e o desenvolvimento. Para esse autor, por trás da Teoria do Conflito do Capital Concorrencial, é que surge o domínio imperialista dos grandes grupos econômicos.

Se o regime socialista conseguiu, por um lado, amenizar a desigualdade social, em contrapartida, retirou da sociedade a democracia política, representada nitidamente pela separação dos três poderes, o pluripartidarismo, o voto secreto e universal e o Estado a serviço da Nação, tese máxima do liberalismo político.

Não temos dúvida de que o problema virulento que agrava o sistema capitalista no plano social é o lucro abusivo, irrestrito, com sua psicologia individualista e de competição, que ocasionou o afastamento gradativo entre os donos do capital e os operários.

Saliente-se, ainda, que outra riqueza, que não a terra, é agora a base para assegurar uma renda e que o capitalismo moderno, por isto mesmo, passou a ser uma síntese do capitalismo comercial, industrial e financeiro, gerando o aparecimento dos trustes e das multinacionais, os quais, quando não disciplinados, ocasionam um capitalismo selvagem, que tem a sua gênese no *laissez-faire* do século XIX.

Daí a necessidade do disciplinamento, da regulamentação do capitalismo, por parte do Estado. Por isto, hoje em dia, a idéia do Estado Social é mais aceita onde o poder positivo sobre os meios de produção não deverá estar exclusivamente nas mãos de donos legais da propriedade; estes têm ficado cada vez mais dependentes de administradores e técnicos, o que induzirá indubitavelmente ao afastamento entre a administração e os proprietários; além de não se poder afastar absolutamente a idéia de um Estado intervencionista, porém sem perder as características do mecanismo de sua democracia política.

Prezado amigo Bezerra, este sodalício o acolhe com muito prazer, considerando não só os seus méritos, mas sobretudo, a dignidade de suas aspirações, a pureza de suas intenções e a lucidez de seu espírito, vivenciadas em suas marcantes atividades, quer no campo literário quer no setor empresarial.

Por tudo isto, caro José Augusto Bezerra, temos certeza, não só da sua convivência fraterna, neste Sodalício, mas sobretudo, na sua contribuição histórica, que irá, sem dúvida alguma, desenvolver admiravelmente em nossa querida Instituição centenária.

Finalmente, vale ressaltar o pensamento chinês de Kuant-Tzu quando afirmava:

Semeando, uma vez, um grão, colherás uma vez;
Plantando uma árvore, colherás dez vezes;
Educando o povo, colherás cem vezes.

Obrigado a todos!